

Arissana Pataxó, *Indígenas em foco*, 2016,
acervo MASP, doação, Bruno Pacheco,
no contexto da exposição *Histórias brasileiras*, 2022

Ministério da Cultura e Nubank apresentam

**MASP
SEMINÁRIOS
PRESENCIAL**

HISTÓRIAS INDÍGENAS

**21.10.2023
SÁBADO
10H – 17H30
GRATUITO E
PRESENCIAL**

Patrocinador
Master

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Live pelo YouTube
@maspmuseu

HISTÓRIAS INDÍGENAS

Este seminário acompanha a semana de abertura da exposição coletiva Histórias indígenas, organizada pelo MASP em colaboração com o Kode Bergen Art Museum. Ocupando as galerias do primeiro andar e do segundo subsolo do MASP entre 20 de outubro de 2023 e 25 de fevereiro de 2024, e em seguida viajando para o Kode, onde será exibida entre 26 de abril e 25 de agosto de 2024, a exposição apresentará diferentes perspectivas sobre as histórias indígenas da América do Sul, América do Norte, Oceania e Escandinávia, por meio da arte e da cultura visual, com a curadoria de artistas e pesquisadores indígenas ou de ascendência indígena, reunindo obras de várias mídias e tipologias, origens e períodos, desde o período anterior à colonização europeia até o presente. Ao trazer teóricos e praticantes de diferentes locais, cenários e perspectivas, o seminário tem como objetivo apresentar e discutir a riqueza e a complexidade de materiais indígenas e culturas imateriais, suas filosofias, cosmologias e lutas, e os desafios e as possibilidades de trabalhar com estes campos, sobretudo no contexto de um museu.

ORGANIZAÇÃO

DAVID RIBEIRO

Assistente curatorial, MASP

EDSON KAYAPÓ

Curador-adjunto de arte indígena, MASP

GUILHERME GIUFRIA

Curador assistente, MASP

KÁSSIA BORGES KARAJÁ

Curadora-adjunta de arte indígena, MASP

RENATA TUPINAMBÁ

Curadora-adjunta de arte indígena, MASP

PRESENCIAL COM TRANSMISSÃO AO VIVO

O seminário será presencial e terá transmissão online e gratuita por meio do perfil do MASP no YouTube, com tradução simultânea em Libras, espanhol e inglês.

VAGAS LIMITADAS

Não há necessidade de inscrição prévia, mas o Auditório MASP está sujeito à lotação. Comparecer com 1h de antecedência.

CERTIFICADO

Para receber o certificado de participação, é necessário registrar sua presença na lista que será disponibilizada durante o seminário.

PARTICIPANTES

ABRAHAM CRUZVILLEGAS

Membro ativo da Intergalactic Taoist Tai Chi Society. Seu trabalho fez parte de exposições em instituições como a 50ª Biennale di Venezia (2003), o Bass Museum of Art (2022) e diversas outras. Em 2016, a Harvard University Press publicou *The Logic of Disorder*, uma coletânea de textos de sua autoria.

BRUCE JOHNSON-MCLEAN

Diretor assistente na área de engajamento indígena da National Gallery of Australia. É compositor, dançarino e músico, especializando-se no instrumento *yidaki* (didjeridu). Pertence ao povo Wierdi, da nação Birri Guba de Wripid, na região central do estado de Queensland, Austrália.

EDSON KAYAPÓ

Pertencente ao povo Kayapó-Mebengokré. Ativista do movimento indígena e ambientalista, professor do IFBA e da UFSB, curador adjunto de arte indígena no MASP e consultor da OIT/ONU. Doutor em Educação e Mestre em História Social pela PUC-SP, graduado em História pela UFMG.

FEDERICO CUATLACUATL

Nascido em Coapan, Cholula, México, seu trabalho tem como objetivo disseminar temas da imigração, das práticas de arte social e da sustentabilidade cultural do povo Náuatle. No centro de suas pesquisas e produções encontra-se a interseção da indigeneidade transfronteiriça, das diásporas indígenas e dos futurismos Náuatle.

GLICÉRIA TUPINAMBÁ

Artista, ativista e educadora indígena da aldeia Serra do Padeiro, Terra Indígena Tupinambá de Olivença. Participa intensamente da vida política e religiosa dos Tupinambá, envolvendo-se em questões relacionadas à educação, à organização produtiva da aldeia, serviços sociais e direitos das mulheres. Foi indicada ao prêmio Pipa 2022 e é voz ativa na ONU pelos direitos dos povos indígenas.

IRENE SNARBY

Doutoranda na Arctic University of Norway, faz parte do grupo de pesquisa *Worlding Northern Art* (WONA). Snarby tem pesquisado e trabalhado no campo da arte sami desde o início da década de 1990. Foi curadora do RiddoDuottarMuseat, em Karasjok, Noruega, e compôs o comitê para aquisição de arte contemporânea e *dáiddaduodji* do parlamento sami.

JOCELYN PIIRAINEN

Tem experiência como curadora adjunta da área de Modos indígenas e descolonização na National Gallery of Canada, e de arte inuíte na Winnipeg Art Gallery-Qaumajuq. Entre seus trabalhos está *Ruovttu Guvlui/Towards Home*, no Canadian Centre of Architecture (2022), Montreal. Pertence aos Inuk de Ikaluktutiak, em Nunavut, Canadá.

KÁSSIA BORGES KARAJÁ

Graduada em Artes Visuais e pós-graduada em Filosofia Política pela UFU, mestra pela UFRGS, doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela UFAM, professora no Instituto de Artes da UFU. Integra o Movimento dos Artistas Huni Kuin (Mahku). É curadora do Museu do Índio de Uberlândia, curadora-adjunta de arte indígena do MASP e membro do conselho do Instituto Rouanet. Pertence ao povo Karajá.

LENA STENBERG

Lena Stenberg cresceu em uma comunidade Sami de pastores de renas. Ela trabalha com obras tridimensionais, esculturas, instalações e fotografia. Os temas centrais de sua produção são natureza, cultura, identidade e questões de pertencimento. Suas obras transitam entre reflexões históricas e questões políticas contemporâneas.

MELISSA CODY

Nascida em 1983 no Arizona, é membro da nação Navajo. Em 2005, ela recebeu diploma de bacharel em Estudos de Museus e o AFA em Studio Art pelo Institute of American Indian Arts em Santa Fé, Novo México. O trabalho de Cody é um equilíbrio entre tradição, história e contemporaneidade. Trabalhando em um tear navajo tradicional, Cody funde padrões clássicos em intrincadas sobreposições geométricas e formas de cores tentadoras. Suas obras estão em várias coleções de museus, incluindo as do Minneapolis Institute of Arts, do Autry Museum of the American West e do Stark Museum of Art, Orange, Texas.

MICHELLE LAVALLEE

Mãe, curadora, e atualmente ocupa o cargo de diretora na National Gallery of Canada das áreas de Modos indígenas e iniciativas curatoriais. Seu trabalho tem explorado as relações coloniais que moldaram as culturas históricas e contemporâneas. Pertence aos Anishinaabe-Ojibway, Austrália.

NIGEL BORELL

Escritor, especialista em arte maori e curador taonga maori no Auckland War Memorial Museum, Aotearoa Nova Zelândia. Foi curador de exposições, entre elas *Toi Tū Toi Ora: Contemporary Māori Art*, na Auckland Art Gallery Toi o Tāmaki (2020-21). Tem ascendência dos povos Pirirakau, Ngāti Ranginui, Ngāi Te Rangi e Te Whakatōhea Māori.

RENATA TUPINAMBÁ

Curadora-adjunta de arte indígena do MASP e fundadora da *Originárias Produções*. É jornalista, roteirista, artista e produtora. Foi co-fundadora da Rádio Yandê e criou o podcast *Originárias*, de entrevistas com artistas e músicos indígenas. Criou o Slam Coalkán, que reúne poetas indígenas de todo o continente americano e é uma das idealizadoras e curadora do 1º Festival de Música Indígena Contemporânea (2019).

SANDRA GAMARRA

Estudou Belas Artes na Universidad Católica del Perú. Em 2002, criou o Museo de Arte Contemporaneo de Lima (LiMac), um museu real/falso, como uma resposta ao vácuo institucional no Peru, inicialmente baseada em “souvenirs” como borrachas, lápis e ioiôs.

21.10.2023 SÁBADO

10H – 10H15

Introdução

GUILHERME GIUFRIDA

Curador assistente, MASP

10H15 – 10H45

Sessão de abertura

EDSON KAYAPÓ, KÁSSIA BORGES KARAJÁ E RENATA TUPINAMBÁ

Tempo não tempo

O mundo é feito de infinitas narrativas e perspectivas sobre a vida, a cultura, a memória e a história, e não de uma linearidade imutável congelada no passado ou projetada no futuro. Para os povos originários o mundo é composto da atemporalidade que atravessa toda criação da humanidade. *Tempo não tempo* mergulha fora do tempo estabelecido pelo Ocidente e sua filosofia imposta pela dominação territorial.

Mediação

GUILHERME GIUFRIDA

Curador assistente, MASP.

10H45 – 12H45

Mesa redonda

IRENE SNARBY

Várveš: Escondidos do dia

Várveš é uma antiga palavra dos Sami do norte que designa um estado mental ou a capacidade de sentir algo antes dos outros, de ver e ouvir mais do que as pessoas ao redor. Também pode significar a capacidade de prever coisas que acontecerão no futuro, ou simplesmente saber quando é preciso permanecer em silêncio e ocultar o conhecimento quando este estiver ameaçado.

SANDRA GAMARRA

Pachakuti: o mundo de cabeça para baixo

Pachakuti é um conceito quéchua e aimará que diz respeito a uma mudança radical na ordem do espaço e do tempo. Foi essa mudança radical que transformou o mundo destas civilizações que coexistem com a nossa. Para que suas vozes sejam ouvidas, é necessário que a nossa também passe por uma transformação que nos permita entender essas diferenças por meio da complementaridade, não do confronto.

NIGEL BORELL

Rompendo a representação

Para os povos indígenas, circular pela política de representação está intimamente associado com o legado que a colonização exerceu na formação desses entendimentos. Concentrando-se na arte maori contemporânea de Aotearoa/Nova Zelândia, esta fala analisa e desvenda algumas das formas de representação que impactaram e moldaram as conversas sobre a arte daquele povo.

FEDERICO CUATLACUATL

O contrabando como resistência

Os atos de contrabando tornam-se gestos de resistência, autopreservação e remediação por meio da indigeneidade transfronteiriça. Como nos transformamos em armas por meio de nossa própria cultura? Como a cultura se torna uma arma para se manter e se desenvolver? Como aceitamos o fato de sermos o “Outro” em um contexto tão xenófobo como uma forma de resistir e construir a solidariedade? Como o contrabando do próprio patrimônio se torna um ato de resistência?

Mediação

DAVID RIBEIRO

Assistente curatorial, MASP

12H45 – 14H

Intervalo

14H – 16H

Mesa redonda

ABRAHAM CRUZVILLEGAS

A construção do “eu”

As histórias subjetivas falam com maior precisão sobre o conhecimento e as culturas de indivíduos e comunidades indígenas no México do que qualquer destino institucionalizado existente sobre a diversidade. Essas representações dos próprios artistas indígenas acompanham a negociação de modos problemáticos e críticos em relação ao indigenismo considerado de forma convencional.

MICHELLE LAVALLEE

E JOCELYN PIIRAINEN

Relações que nutrem: família, comunidade e terra

Ao destacar a resiliência do conhecimento indígena fundamentado em seus locais de origem, artistas tratam da importância de nossas relações com a terra e com as outras pessoas. Juntas, as vozes dos artistas Inuítes, das Primeiras Nações e *Métis* falam sobre a continuidade das culturas e sobre a conexão entre todas as coisas. Nossas relações profundas são alimentadas e continuamente renovadas em locais de reunião – locais que são incorporados pela própria terra e mantidos em espaços da família e da comunidade.

BRUCE JOHNSON-McLEAN

Histórias de pintura no deserto

Em 1971 um projeto de arte teve início em uma escola local do povoado

indígena de Papunya, no Deserto Ocidental da Austrália. Lá, um professor do ensino médio propôs uma série de murais pintados por seus alunos e membros da comunidade local nas próprias paredes do colégio. Muitos dos envolvidos gostaram tanto que pediram materiais de pintura para continuar produzindo obras e, em pouco tempo, um grupo maior estava pintando todos os dias, criando um movimento que foi se espalhando por outras regiões do continente australiano.

LENA STENBERG

Fronteiras

Em meu último projeto artístico, trabalhei a partir de um amplo material fotográfico que documenta a vida de meus antepassados em Tromsø, Noruega, de 1860 a 1930. Quando comecei a procurar imagens em arquivos digitais, percebi que existiam muito mais fotografias do que eu imaginava e que era possível identificá-las com o auxílio de arquivos fotográficos.

Mediação

ISABELLA RJEILLE

Curadora, MASP

16H – 17H30

Conferência de encerramento

MELISSA CODY

Céus tramados

Céus tramados é a primeira exposição individual internacional de Melissa Cody (Navajo) e apresenta 35 anos de trabalho. Este grande levantamento de tecelagens mostra uma progressão de técnica e exploração estilística que mergulha em contextos históricos tradicionais até à sua narrativa atual. Usando o estilo Germantown de tecelagem e lã, Cody constrói paisagens oníricas de cores psicodélicas por meio de padrões como Burntwater, Wide Ruins e Eye Dazzlers. Em sua série de trabalhos mais recentes, ela se baseou em peças tecidas à mão e as reconstruiu em obras tecidas digitalmente. Um caminho novo e emocionante, o trabalho digital de Cody está expandindo sua narrativa para novos públicos e mostrando as infinitas possibilidades de tecer e contar histórias.

GLICÉRIA TUPINAMBÁ

Um manto que fala

O Manto Tupinambá de Glicéria Tupinambá, traz uma releitura dos antigos mantos do século 17, e mais antigos, dos primeiros Tupinambá no período colonial. Em sua obra artística e encantaria, ela mostra a potência tradicional na contemporaneidade nesta tecnologia ancestral. *Quando o Manto Fala* (2023), de sua direção junto de Alexandre Mortagua, é um trabalho audiovisual, que reforça a perspectiva feminina e o protagonismo da mulher indígena. Guiada pela intuição, seus sonhos e sensibilidade, como mãe,

mulher e liderança, fica evidente a força da narrativa trazida pela fala do Manto Tupinambá de Serra do Padeiro sob sua visão cosmogônica e artística.

Mediação

RENATA TUPINAMBÁ

Curadora-adjunta de arte indígena, MASP